

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	13
RESUMO	15
ABSTRACT	17
INTRODUÇÃO	19
1. PARA UMA FUNDAMENTAÇÃO DA SEMÂNTICA COGNITIVA	23
1.1. Semântica, sistemas complexos e grandezas desprezíveis	23
1.1.1. A Teoria do Caos	23
1.1.1.2. Organização linguística e Teoria do Caos	26
1.2. Semânticas pré-cognitivas e Semântica Cognitiva	34
1.2.1. A perspectiva cognitiva: novidade ou tradição?	34
1.2.2. A incapacidade explicativa de alguns fenómenos semânticos	45
1.2.3. Principais concepções semânticas: esquemas-síntese	59
1.3. Modelos mentais e protótipo	61
1.3.1. A natureza não-lógica dos processos cognitivos	61
1.3.2. A contínua reformulabilidade dos modelos mentais	64
1.3.3. Esquema mental e modelo mental	67
1.3.4. Protótipo e significado lexical	69
1.3.4.1. Protótipo e limites de categoria	69
1.3.4.2. Latitudes de emprego de um item lexical	76
1.4. A conceptualização do real	80
1.4.1. A construção dos conceitos	80
1.4.2. Significado e referente	84
1.4.2.1. Cérebro, informação e memória	84
1.4.2.2. O significado sentido	88
1.4.2.3. A modelização do real	91
1.4.2.3.1. O erro de Saussure	91
1.4.2.3.2. O Argumento de Santo Anselmo: referente e realidade	94
1.4.2.3.3. A realidade modelizada	95
1.4.2.3.4. Significado e função	103

1.4.3. Metáfora e processos de categorização do real	109
1.5. O funcionamento dos modelos semânticos	114
1.5.1. Significado dicionarizado e “significado de comunidade”	114
1.5.2. Significado e estrutura radial de significações	118
1.5.3. As variantes de um significado: estruturação prototípica	121
1.5.4. Aplicabilidade aos localizadores espaciais	130
1.5.4.1. CNS, Semântica Cognitiva e localizadores espaciais	130
1.5.4.2. Vantagem da perspectiva da Semântica Cognitiva para as configurações espaciais	135
1.6. Língua e espaço: o eterno apelo do paradigma localista	148
2. O HOMEM E O(S) SEU(S) ESPAÇO(S)	161
2.1. O espaço e o Verbo	161
2.2. Existência e espaço: implicações entre o <i>ser</i> e o <i>estar</i>	163
2.3. Espaço, domínio privilegiado da “fabricação intelectual”	164
2.4. O corpo, modelo do mundo	168
2.5. As partes positivas e negativas: da corporização do espaço à gramaticalização ..	170
2.6. O espaço manipulado no significante	182
2.6.1. Os gestos, índices da espacialidade linguística	182
2.6.2. Os espaços da escrita	185
2.7. Espaço físico e espaço perceptivo	193
2.7.1. A subjectividade do espaço euclidiano	193
2.7.2. A funcionalidade cognitiva do espaço perceptivo.....	197
2.7.3. A primordialidade das representações espaciais	203
2.7.4. Do espaço perceptivo à configuração linguística	206
2.8. A percepção do espaço e a construção de arquétipos	209
2.9. Espaço e lugar	219
3. LOCALIZAÇÃO E ORIENTAÇÃO INTRÍNSECA	225
3.1. Os objectos das configurações espaciais	225
3.2. A necessidade de um objecto configurador	228
3.3. Localizado, fundo localizador e processos dinâmicos	230
3.4. Os processos de configuração espacial estativa e o elemento localizador	240
3.5. Assimetria entre a Figura e o Configurante	244
3.6. Objectos sem orientação intrínseca	246
3.6.1. Objectos sem orientação intrínseca e movimento	246
3.6.2. A atribuição de uma orientação intrínseca	247
3.6.2.1. O papel do observador	247
3.6.2.2. O espelhamento de uma orientação	249
3.6.2.3. Os processos de atribuição de uma orientação situacional	251

3.7. Objectos intrinsecamente orientados	257
3.7.1. Orientação dos objectos e antropomorfização	257
3.7.2. Orientação e movimento	260
3.7.3. Orientação e funcionalidade	264
3.7.4. A anulação da orientação intrínseca	267
3.7.5. A fixação da orientação intrínseca	271
3.7.6. Lexicalização da orientação intrínseca	276
3.7.7. Equivalência entre orientações intrínsecas	279
4. MODELOS MENTAIS DOS MARCADORES FRENTE/TRÁS	283
4.1. Configuração frontal e observador	283
4.1.1. Configurantes observantes e não observantes	283
4.1.2. A atracção das configurações défticas ou observantes	290
4.1.3. O observador e a equivalência [direita] ⇒ [frente]	304
4.2. Os modelos de <i>frente/trás</i>	311
4.2.1. Alguns dados da(s) experiência(s)	311
4.2.2. Os modelos estáticos	321
4.2.2.1. O modelo original	322
4.2.2.2. O modelo da orientação situacional em espelho	331
4.2.2.3. O modelo da visibilidade	332
4.2.2.4. O modelo do encaramento	339
4.2.3. O modelo dinâmico	344
4.2.4. Movimento e antónimia configurativa	347
4.2.5. Implicações semânticas da estruturação dos modelos da frontalidade.....	354
5. FRENTE/TRÁS E OUTROS MARCADORES DA FRONTALIDADE:	
RELAÇÕES CONFIGURATIVAS	357
5.1. <i>Frente/trás</i> e [alto]/[baixo]: as equivalências entre frontalidade e verticalidade ..	357
5.2. <i>Frente/trás</i> e [distância]	367
5.2.1. [distância] e o papel do movimento entre Fg e Cfg	367
5.2.2. [distância] e combinatórias sintáctico-semânticas	372
5.3. À <i>frente/ (a)diante</i>	378
5.3.1. À <i>frente/atrás</i> e <i>diante/nas</i> costas: equivalências e divergências configura- tivas	378
5.3.2. A combinatória Prep+ <i>diante</i> e implicações nos modelos configurativos ..	385
5.3.3. (<i>A</i>) <i>diante</i> /à <i>frente</i> : identidades e divergências entre modelos configurativos	387
5.3.3.1. (<i>A</i>) <i>diante</i> e graduação da direcionalidade frontal	387
5.3.3.2. Relações hiponímicas entre <i>frente</i> e (<i>a</i>) <i>diante</i>	389
5.3.3.3. A estruturação linguístico-cognitiva de <i>diante</i> temporal	395
5.3.3.4. (<i>A</i>) <i>diante</i> : relações morfo-semânticas e modelos mentais	399
5.4. <i>Diante/ante/perante</i> : equivalências e oposições	406
5.4.1. [encaramento] e neutralização da orientação intrínseca	406
5.4.2. [encaramento] e localização hierarquizante	413
5.5. Marcadores da frontalidade (prospectiva) e [encaramento]: quadro síntese	414

6. ORGANIZAÇÃO MORFO-SEMÂNTICA DO EIXO DA FRONTALIDADE	
(MARCADORES FRENTE/TRÁS)	417
6.1. Classificação morfológica e grafia	417
6.2. A origem dos marcadores espaciais	418
6.3. <i>Atrás</i> : organização morfo-semântica	420
6.3.1. A necessidade da existência do Cfg	420
6.3.2. A equivalência semântico-pragmática entre o advérbio (<i>atrás</i>) e a locução prepositiva (<i>atrás de</i>)	422
6.3.3. O Configurante nos modelos linguístico-cognitivos das expressões este-reotipadas com <i>atrás</i>	424
6.3.4. Advérbios e locuções prepositivas do vector <i>atrás</i> : conclusões	427
6.3.5. O núcleo do vector [-frontal]: <i>trás</i> ou <i>atrás</i> ?	429
6.3.5.1. Os processos lexicográficos	429
6.3.5.2. O núcleo original (<i>trás</i>)	432
6.3.5.3. A estruturação global	433
6.4. <i>Frente</i> : organização morfo-semântica	442
6.4.1. A tradição lexicográfica	442
6.4.2. A base nominal dos marcadores derivados de <i>frente</i>	444
6.4.3. Os marcadores derivados de <i>frente</i> e o princípio de desnominalização ...	451
7. O ESPAÇO DO TEMPO: FRENTE/TRÁS E A TEMPORALIDADE	457
7.1. A tradicional ideia da metaforização do tempo pelo espaço	457
7.2. <i>Frente/trás</i> e anterioridade/posterioridade: as equivalências dicionarizadas	460
7.3. A intuição associativa dos falantes	464
7.4. Sinonímia, implicação e convertibilidade intermodelar	466
7.5. À <i>frente/atrás</i> e <i>antes/depois</i>	477
7.5.1. Diferenças de aceitabilidade	477
7.5.2. <i>Antes/depois</i> e ponto inicial do movimento	481
7.5.3. <i>Antes/depois</i> e a secundarização da configuração espacial	483
7.5.3.1. A noção de “encontro potencial”	483
7.5.3.2. O experienciador da configuração	486
7.5.3.3. As implicações espaciais do valor temporal de <i>antes/depois</i>	488
7.5.3.4. Proposta de definição dos marcadores <i>antes/depois</i>	492
7.5.4. <i>Atrás/à frente</i> e <i>antes/depois</i> : traduzibilidade entre modelos espaciais e temporais	494
8. CONCLUSÕES	501
9. BIBLIOGRAFIA	505